

Sociedade e natureza nas ondas no rádio na Amazônia: representações e significados

Cynthia Camargo

Embora a Amazônia seja o centro de atenções devido às riquezas naturais - a biodiversidade e a abundância em água doce - sua população convive com todas as formas de desigualdades sociais. Grande parte da população vive longe dos grandes centros. Nesse contexto, o rádio desempenha papel fundamental, interligando populações diversas através de suas mensagens, trazendo o longe para perto.

E é na Rádio Rural de Santarém (AM) que o programa “Para Ouvir e Aprender” é veiculado às segundas, quartas e sextas-feiras, nos horários de 7h30 às 8h e reprisado de 14h05 às 14h35 desde o final de 1999. Como parte do projeto “Rádio pela Educação” o programa é voltado para professores e alunos de 1ª à 4ª séries do ensino fundamental dos municípios de Santarém e Belterra, no estado do Pará e desde 2002 tornou-se política pública desses municípios. Hoje são mais de 35 mil alunos e cerca de 1.100 professores participando do programa em sala de aula. Mais de 50 cartas chegam à redação do programa todo mês, contribuindo para avaliar e sistematizar as informações veiculadas no programa.

Além do público para o qual é direcionado, o programa é acompanhado pelos pais, pois faz parte da grade de programação da emissora, o que amplia a audiência e permite que os familiares acompanhem o conteúdo ministrado aos estudantes, passando a participar mais na vida da escola e de seus filhos. Outros municípios próximos também acompanham o programa de rádio, de acordo com relatos de professores das cidades vizinhas quando estão de passagem em Santarém.

Durante trinta minutos, o programa leva para a sala de aula 12 seções alternadas, que contemplam a realidade regional, as vozes das crianças, dos adolescentes, dos professores e dos comunitários das zonas urbanas e rurais de

Santarém e Belterra. O projeto visa garantir um processo continuado e sistematizado de educação, informação e intercâmbio de experiências na construção do conhecimento, bem como contribuir com novos conteúdos e métodos pedagógicos, além de reforçar a educação ambiental como disciplina escolar.

As duas cidades nas quais o projeto atua, Santarém e Belterra, localizadas no Baixo Amazonas, apresentam especificidades. As escolas desses municípios estão espalhadas em diferentes regiões peculiares. Santarém, com mais de três séculos, é a grande cidade do Baixo Amazonas, localizada no Oeste do Pará, a quase 850 km da capital Belém. Está situada na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, possui cerca de 250 mil habitantes e extensão territorial de 22.887 km². A economia de Santarém é baseada no comércio flutuante que atrai moradores dos diversos municípios vizinhos, além da pesca e do extrativismo vegetal.

Belterra, por sua vez, fica a 50 Km de Santarém e seu acesso se dá pela Rodovia Santarém-Cuiabá. Foi fundada em 1934 mais precisamente, mas só passou a existir constitucionalmente enquanto município a partir de 1997. Sua população é majoritariamente de famílias de ex-trabalhadores do projeto de extração da borracha nos seringais de cultivo da Companhia Ford e sua economia circula, basicamente, a partir da renda de aposentados do projeto que foram incorporados pelo Ministério da Agricultura e dos atuais funcionários públicos municipais.

Apreender e analisar as concepções e significados da relação entre sociedade e natureza presentes nas cartas de professores e alunos da região abrangida pelo projeto, herdeiros de um conhecimento e experiência adquiridos de seus ancestrais - europeus, negros, caboclos e índios – sobre a natureza é o objetivo desse trabalho, que pretende ainda verificar como são processados e elaborados os conteúdos sobre natureza transmitidos pelo programa “Para Ouvir e Aprender”.

A Rádio Rural e o Projeto Rádio pela Educação

A partir da decisão da Rádio Rural de Santarém em retomar a proposta que lhe deu origem, iniciada na década de 1960, com a instalação de escolas radiofônicas, a Diocese de Santarém reconquista seu trabalho educativo pelas ondas do rádio por meio do projeto “Rádio Pela Educação”. A alfabetização de adultos realizada em parceria com o Movimento de Educação de Base (MEB), parte da programação da Rádio Rural desde a sua formação, estendeu-se até a década de 1980, utilizando o método Paulo Freire. Devemos lembrar que o rádio integra e influencia o cotidiano da população que vive na região e é através desse meio de comunicação que as notícias, avisos¹ e músicas chegam aos moradores das diversas localidades, sejam ribeirinha, planalto ou várzea.

Nas décadas de 1960-70, a Rádio Rural era o único meio de comunicação com penetração diária e intensa durante 20 horas. Não havia outra emissora com igual força e organização no interior da Amazônia. A sua inauguração se deu no dia 05 de julho de 1964 graças ao empenho do Bispo Prelado da Diocese de Santarém, Dom Tiago Ryan, que trazia do Rio Grande do Norte a experiência de alfabetização de adultos pelo rádio junto com o MEB.

De acordo com o primeiro Contrato Social de 31 de maio de 1960, referente à concessão de radiodifusão feita pelo governo brasileiro à Diocese de Santarém, a emissora tinha como objetivos promover a

instalação de escolas radiofônicas, [...] com ‘rádios cativos’² para alfabetizar, educar, elevando o nível cultural do povo, inclusive difundir programas de caráter oficial, especialmente dos Ministérios de Educação e Cultura, da Agricultura e da Secretaria do Estado, podendo também anunciar comerciais e tudo que fosse permitido por lei (RÁDIO RURAL DE SANTARÉM³, 1992).

¹ Avisos são as mensagens enviadas através do rádio a parentes e amigos informando o que se passa na ocasião, seja para comunicar o falecimento de familiares, da sua chegada a alguma comunidade ou região, nascimento, saúde, etc.

² Rádios cativos eram os aparelhos sintonizados na frequência da emissora e presos com um prego ou similar impedindo a mudança de dial para outras emissoras. Aqui a frequência usada era a da Rádio Rural.

³ RÁDIO RURAL DE SANTARÉM. *Histórico*. Santarém – PA, 1992.

Em 1965 foram instaladas as primeiras 32 escolas radiofônicas e assim começava o trabalho de alfabetização através das ondas da Rádio Rural em seis municípios que compunham até 1989 a Diocese de Santarém, compreendendo uma área de 396.906 km², 28,2% da superfície do Estado do Pará. Essas escolas radiofônicas deixaram de funcionar em 1985, mas chegaram a somar cerca de 320 espalhadas no interior de Santarém e dos municípios de Alenquer, Monte Alegre e Prainha, atingindo mais de 318 comunidades, envolvendo dois mil adultos na alfabetização e quatro mil no primeiro segmento (RÁDIO RURAL DE SANTARÉM, 1992).

Devido aos problemas financeiros da emissora, o caráter educativo começou a perder força e decair. Apesar do MEB ser a força inspiradora da Rádio e da consciência dos demais funcionários para atuar em uma rádio educativa, as duas equipes, a de educação e a comercial, foram se distanciando. Mesmo sabendo do compromisso assumido para implantação da emissora, a direção da Rádio Rural precisava se preocupar com a sua manutenção. A programação comercial ganhou força em detrimento de sua programação educativa. A audiência passou a ser mais importante que os conteúdos de educação (SILVA e LOCATELLI⁴, 1997).

Em 1997 surgiu a proposta de um projeto de rádio voltado às crianças e adolescentes em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), que já vinha aproximando-se da rádio, buscando apoio para divulgação de seus trabalhos. O projeto serviu para consolidar a vontade de ambas as instituições e foi a base para o “Rádio Pela Educação”.

Antes da construção do projeto, foi realizado um diagnóstico sobre a emissora para levantar opiniões e sugestões sobre a situação atual e possíveis mudanças na Rádio Rural, bem como conhecer um pouco melhor o perfil do público e suas

⁴ SILVA, Arinalva Freitas da e LOCATELLI, Cleomar. O Papel Educativo da Rádio Emissora de Educação Rural de Santarém no Período Militar (de 1964 a 1974). TCC. UFPA, Campus Santarém – PA. 1997.

demandas de cidadania (BLOCH⁵, 1999). A partir desse levantamento iniciou-se o processo de preparação do projeto “Rádio Pela Educação”.

A presença das secretarias municipais de educação de Santarém e Belterra e o apoio do UNICEF, foram imprescindíveis na criação do projeto. Para a elaboração básica foram necessários três dias de reunião, de 25 a 27 de fevereiro de 1999, para que as duas jornalistas da Rádio e do UNICEF e cerca de 10 profissionais, entre pedagogos e psicólogos, das secretarias municipais de educação formassem a proposta.

Análises do programa

Para analisar as concepções e significados da relação entre sociedade e natureza perpassados nos guias pedagógicos, nas radionovelas e presentes nas cartas de professores e alunos enviadas ao projeto “Rádio pela Educação”, dividi-a em três temas relacionados. Como um dos objetivos do projeto é o de resgatar a cultura local, os mitos foram inseridos nos conteúdos, por meio de suas histórias e tornando-os mais participantes desse processo educativo cultural.

Lendas e mitos

A música “Lenda do Boto” do maestro Isoca, utilizada no programa de rádio, fala do mito do boto tão comentado nas comunidades ribeirinhas e de várzea da região. Basta aparecer uma jovem grávida que todos comentam ou perguntam: “tá esperando filho de boto?” (sic). Algumas pessoas que também têm diferenciações em seus semblantes são indicadas como: “aquele é filho de boto”.

De acordo com Galvão⁶ (1976), a influência de causas de natureza histórica e social advém da religião de um povo e suas motivações psicológicas aparecem

⁵ BLOCH, Didier. Diagnóstico da Rádio Rural de Santarém. Santarém – PA. Unicef, 1999.

⁶ GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas*. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

em suas instituições como no processo de sua evolução. Ele demonstra que uma das características regionais é a forte influência ameríndia que se revela em crenças e práticas religiosas dessa origem, como os curupiras, caboclinhos das matas, anhangás, as visagens que surgem como pássaros, veados de olhos de fogo, a cobra grande ou sucuriçu, a matintaperera, os botos, os companheiros de fundo ou encantados que moram no fundo dos rios e igarapés, as mães de bicho que são entidades protetoras da vida animal e vegetal e os bichos visagentos.

Galvão acredita ainda na grande importância cultural dos povos tupi-guarani na Amazônia. E cita o exemplo de Tupã, sobrenatural tupi, ligado ao trovão, que se tornou o equivalente do deus cristão, oposto a Jurupari, um ser da floresta, apontado como a personificação do diabo. A cultura do aborígine influencia a cultura mameluca que tomava forma, mas foi mantida a orientação pelo padrão europeu.

Visão de mundo

Qual o componente cultural é utilizado nas cartas? Poderíamos indagar: que sujeito aparece nas cartas? Os alunos sentiram a possibilidade de mostrar o seu conhecimento e apontam suas idéias e valores que podem contribuir para a educação.

Em que contexto histórico os alunos se encontravam antes? Não tinham um canal direto de integração entre escola-comunidade-secretaria de educação. Eles estavam mais isolados tanto pelas grandes distâncias geográficas quanto pela falta de diálogo com integrantes da rede municipal de ensino. A participação dos pais na vida escolar era bem menor, os pais ainda pensavam que o professor é quem tinha obrigação de educar seus filhos.

Para alguns estudiosos uma questão bastante interessante da linguagem se deve aos sentidos do silêncio. Compreender que existe um modo de estar em silêncio

é compreender que existe um modo de estar no sentido. De acordo com Orlandi⁷ (1997), o silêncio também é língua e possui condições de produção que o torna tão ambíguo quanto às palavras. Ele se faz presente na fala que também é silenciadora e algumas vezes se diz algo em lugar de outro, caracterizando-se o não dito. Podemos acreditar que não há transparência na linguagem, que ela pode estar cheia de outros significados e, portanto, de silêncio.

O professor Maximo Araújo Nunes, na época trabalhando na comunidade de Pindorama, no Lago Grande de Franca, enviou uma carta (01/12/1999) criticando o texto “O sermão da montanha”, utilizado no Guia Pedagógico nº 01 e também falando da realidade da comunidade que não tem pessoas lendo ou ouvindo uma boa música (a partir do seu conceito):

[...]o que eu quero dizer [...] é que a bíblia foi feita para ser usada como instrumento de libertação e não como instrumento de alienação, e o que sempre a gente costuma ver, é gente tentando ou continuando a alienar “consciência”, esse texto “o sermão da montanha” me parece que ele não atenta para uma libertação e sim para uma acomodação e alienação. Por exemplo: “bem aventurados os que sofrem” olha feliz quem sofre! Meu Deus, será que Jesus concorda com isso? Considerando que ele morreu para que houvesse justiça, solidariedade, misericórdia, igualdade?
Como me alegrar porque tenho comida, bebida, roupa, emprego, salário, etc. enquanto o meu próximo não tem nem rede? [...]Pelo amor de Deus! Vamos despertar a consciência crítica!...

O professor ressalta a importância do projeto na mudança de atitudes de professores, alunos e comunitários, ao mesmo tempo em que faz a crítica do texto “Sermão da montanha” concorda com a alienação dos produtores do projeto quando usam um texto tão contraditório. O professor faz a interpretação de acordo com a sua realidade sócio-econômica-social e se analisarmos sua crítica percebemos que ele aponta a utilização de textos e músicas para escamotear a realidade e possibilitar um processo de acomodação dos indivíduos.

Qualidade de vida

⁷ ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

A proximidade cultural com os índios fez com que a comunidade de Taquara entrasse com um pedido junto à FUNAI para que sejam reconhecidos como índios e não caboclos. Em 02/12/1999 recebemos uma carta do professor Ronaldo Peres Farias, ele pontuou que participou de um curso, o qual visava o resgate da origem da comunidade por meio de histórias, músicas, versos, danças, da língua, da comunidade, dos moradores e dos mapas.

Para melhor compreensão dos temas transversais apresentados no programa foi elaborada uma proposta de radionovela, a qual tem um caráter lúdico, tratando assuntos profundos que fazem parte do cotidiano.

Uma radionovela que teve bastante repercussão foi “A Lixolândia”, que contava a história do menino Pedrinho e da sua família que juntava lixo dentro de casa. Os protagonistas eram também uma mosca, uma barata e um rato, que juntos armaram para infectar a casa do menino e ele adoecer (contraíndo leptospirose). As crianças gostaram tanto da radionovela que em todas as cartas enviadas citavam-a e a chamavam de “A Bicholândia”, por causa dos animais contidos na história. Ao final, depois da morte dos bichos, Pedrinho se curou e aprendeu a cuidar do lixo e sua saúde.

Em 03/04/2001, o aluno José Renato Silva da Costa, 4ª série da comunidade de Betânia na BR-163 Km140, escreveu em sua carta que depois da radionovela ele ficou sabendo do perigo de contaminação que as pessoas correm perante o lixo e os bichos: “não sabia que o rato transmitia a doença leptospirose, mas agora eu aprendi pelo programa para ouvir e aprender”. Outro aluno da mesma escola, Elinelson dos Santos Pontes, 13 anos, 3ª série, gostou muito da “Bicholândia porque falava sobre a higiene e como devemos combater as doenças. Nós temos um plantio bem de frente a nossa escola e nós plantamos árvores em extinção [...]”. Esse aluno ficou muito contente porque a sua escola ganhou o concurso “A cara do rádio pela educação”, realizado durante o ano de 2001, para ilustrar a capa do guia pedagógico nº 6. A ilustração sugere a

diversidade da paisagem amazônica, mostrando ao mesmo tempo a floresta, as estradas, o rio e as antenas parabólicas que encurtam as distâncias.